



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cafungar/>

Vem ca-fungar, deseducar

Elenise Cristina Pires de Andrade[1]

RESUMO: Uma contaminação fúngica. A série *The last of us*. Propor, neste ensaio, fraturar, desafixar o *ethos* colonialista, autocrático e violento que percorre as narrativas dos conceitos das ciências biológicas quando aportam junto aos (des)encontros em salas de aula. A partir do conceito de hospitalidade (Derrida) proponho que a educação científica, incluindo a escolar, pulse e desaloje-se dos corpos-casas-prisão e provoque pulsões vitais (Rolnik, 2018). O que nos impede de fabular uma vida não cafetinada à *Bio* ao mesmo tempo que nos insurgimos contra o regime colonial-cafetinístico do *logos* na e com a Bio-logia?

PALAVRAS-CHAVE: Educação científica. Micropolíticas. Fungos

Come here to spread away and miseducate

ABSTRACT: A fungal contamination. *The last of us* series. I propose, in this essay, to fracture, to unfasten the colonialist, autocratic and violent ethos that runs through the narratives of the biological sciences concept when they inhabit the (mis)encounters in classrooms. Based on the concept of hospitality (Derrida) I propose that scientific education, including school education, pulse and move away from prison-houses-bodies and provoke vital pulsations (Rolnik, 2018). What prevents us from fable a non-pimped life to Bio at the same time that we rise up against the colonial-pimp regime of logos in and with Biology?



KEYWORDS: Science education. Micropolitics. Fungi.

Mushroom, the clash!

Nunca me interessei por cogumelos, aliás as invenções que teço ao ouvir/ler/ver sobre eles me causam uma sensação de desconforto. Tenho sempre uma ideia, completa e totalmente inexplicável no campo do dizível, de que tais corpos exercem uma repulsa ao meu tato e, como uma continuidade, ao meu paladar.

Até que um dia, ano passado, em uma mesma semana dois fatos ‘fúngicos’ aconteceram: uma estudante me apresentou o texto de Anna Tsing (2015), *Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras* enquanto uma amiga e professora de pilates me apresentou, através de uma aula *online*, um quadro de várias espécies de cogumelos que havia ganho e que decorava a parede de um dos cômodos de sua sala.

Durante meses esses encontros permaneceram completamente descontraídos nas perambulações que os pensamentos e as ideias provocam em nós. Não li o texto muito menos experimentei alimentos com cogumelos e, como moro no sertão baiano, nem precisava desviar meus caminhos e olhares para tais estruturas, já que as águas e os solos de minha casa e dos lugares que percorro não se apresentam propícios para os micélios. Até que, durante um voo sobre a Patagônia argentina, meu celular resolveu não permitir que eu assistisse aos episódios de *streaming* que havia salvo em sua memória. Plano B: celular do companheiro de vida e, a trombada, *The last of us* [2].

E tal foi meu assombro quando a série não era sobre zumbis que matam ‘indefesos’ seres humanos (o que sempre imaginei), mas um fungo que infesta os cérebros. Um invasor? Um sobrevivente? O que tais ‘indefesos’ cérebros humanos fizeram com os fungos do nosso planeta? Aliás, a Terra pertence a alguém/ns para que uma espécie dela se aproprie e a denomine de ‘nossa’? Uma série que aborda uma pandemia não estava nos meus planos, mas o papel dos fungos nesse roteiro me tomou por completo. Da virulência às fungadas!



Invasão e/ou hospitalidade?

A mão que traça as linhas do perigo é a mão do medo e, por isso, o tamanho da fortaleza que o exorciza varia com a percepção da vulnerabilidade. Quanto maior for a percepção da vulnerabilidade do Ocidente, maior é o tamanho do Oriente. [...] Ao contrário do que pode parecer, a percepção da alta vulnerabilidade, longe de ser uma manifestação de fraqueza, é uma manifestação de força e traduz-se na potenciação da agressividade. Só quem é forte pode justificar com a vulnerabilidade o exercício da força (SANTOS, 2002, p. 28).

Quero ser senhor em casa [...] para poder ali receber quem eu queira. Começo por considerar estrangeiro indesejável, e virtualmente como inimigo, quem quer que pisoteie meu *chez-moi*, minha ipseidade, minha soberania de hospedeiro. O hóspede torna-se um sujeito hostil de quem me arrisco a ser refém (DERRIDA, 2003, p. 49).

Violências e(m) expressões e ações de poder. Santos (2002), ao abordar linhas e tessituras analíticas nos provoca em como as descobertas dos lugares, centralizadas no ocidente imperial principalmente durante os séculos XIV e XV, vão compondo uma forma e um movimento de pensar/entender o mundo, as relações entre os lugares e os habitantes deste mundo. Boaventura de Sousa Santos tece, ao longo deste curto e intenso texto, que não são somente as descobertas de novas terras e culturas que abalam o mundo, mas a forma, a partir delas, que se dá a diferenciação inequívoca de quem seriam os descobridores e os descobertos. “Ao contrário do que pode parecer, a dimensão conceptual precede a empírica: a ideia que se tem do que se descobre comanda o acto da descoberta e o que se lhe segue” (p. 23).

As três descobertas “matriciais do milênio” (p. 35) [3]: o Ocidente, o Selvagem e a Natureza, se conectam atravessando o segundo milênio, apresentando em cada uma delas uma rápida descrição analítica de como tais descobertas carregam consigo não somente conceitos, mas julgamentos morais e justificativas das mais variadas ordens a ações de violência e imposição política, econômica e cultural principalmente a partir do século XVI.



Não me atarei a tantas complexidades possíveis de estender a partir desses fios, no entanto quero pontuar a questão do conceito antecipar-se à empiria, ao experienciar as vidas. Tal ordenamento colonial, violentamente imposto e encarnado em nossos corpos e mentes, parece nos impedir em perceber, identificar, duvidar, inclusive, de outros mundos, outras formas de vivências criativas em expansão.

Por onde a conversa entre fungos e Boaventura de Sousa Santos esbarram em Jacques Derrida e Anne Dufourmantelle? Como iremos comentar um pouco sobre hospitalidade, convido algumas produções cinematográficas como *Os invasores de corpos* (1979) [4], *Alien, o oitavo passageiro* (1979) [5] e *Homem Aranha 3* (2007) [6] para questionar a abordagem do corpo humano como um repositório de toda a nossa humanidade, possibilitando que entendamos a invasão um desencadear inevitável rumo a uma “desumanização” centrada nas modificações provocadas por algo/alguém extra-Terra, um fora espaço-temporal como se, em certa medida, o planeta não comportasse tal relação desumanizante.

Afinal, o corpo humano seria a casa de uma suposta *humanidade* ou de seu poder em exercer tal caracterização no conceito de mundo e, a partir desse movimento, de um modo único de expressá-la? A invenção desse termo refere-se ao fato de que não quero direcionar-me a uma humanidade no sentido do coletivo, nem a um processo de humanização como um aglomerado de processos ocorridos nas mais diversas dimensões do constituir-se humano. Essa *humanidade* seria uma adjetivação do que o humano criou como conceito de ser/estar humano em qualquer espaço-tempo e a cultura como sendo a única forma de entender-se como tal, hospedada em um corpo.

Derrida (2003), em uma empolgante entrevista acerca da hospitalidade, apresenta-nos que a soberania do poder e a posse do hospedeiro pertencem ao “dono do lugar”, enquanto hóspede e estrangeiro configuram-se traduções de uma mesma palavra, *host*, segue Derrida referindo-se a Klossowski (p. 37). Os caminhos que o filósofo francês apresenta envolvem muitas discussões políticas, socioculturais que não abordarei neste ensaio. O que aqui me interessa é a hospedaria corpo-casa-*humanidade*: “Não há hospitalidade, no sentido clássico, sem soberania de si para consigo, mas, como também não há hospitalidade sem finitude, a soberania só pode ser



exercida filtrando-se, escolhendo-se, portanto excluindo e praticando-se violência” (DERRIDA, 2003, p. 49).

No transcorrer das reflexões, Derrida nos encaminha para o paradoxo da hospitalidade, “Porque para ser o que ela *deve* ser, a hospitalidade não pode pagar uma dívida, nem ser exigida por um dever [...]. Essa lei incondicional da hospitalidade, se se pode pensar nisso, seria então uma lei sem imperativo, sem ordem e sem dever” (DERRIDA, grifos do autor, 2003, p. 73). Me encanto e me (des)encontro nesse paradoxo – uma lei sem condicionantes e que, assim, é tão singular que só acontece no plural, ‘as leis da hospitalidade’. “Estranho plural, gramática plural de *dois pluraux diferentes ao mesmo tempo*” (DERRIDA, 2003, p. 73).

Se a *humanidade* se aloja (?) *a priori* de nossa vivência como tal, como identificar onde (e como) seria o *chez-moi*, a ipseidade de um lugar ‘nosso’? Sem um ‘nosso’, quais características seriam imprescindíveis para sabermos/percebemos o ‘deles’? A partir de tal questionamento, seríamos hóspedes dessa *humanidade* ou teríamos sido por ela invadidos? Seria possível uma concepção de hospedeiro-parasita somente nos termos concebidos pela ciência moderna?

Para continuarmos com tais (e adicionarmos outros) questionamentos, voltemos (havíamos ido?) a série *The last of us*, episódio oito [7], onde, diferentemente das produções cinematográficas explicitadas no início dessa sessão, o fator desumanizante é terráqueo. Participemos de um diálogo entre a personagem Ellie (Bella Ramsey) e David (Scott Shepherd).

E – Vc é um animal.

D – Todos nós somos. Essa é a questão. Era o último recurso [comer carne humana]. Acha que não me envergonho? Mas eu ia fazer o que? Deixá-los com fome? Esse povo que me confiou a vida, que espera minha proteção, que me ama.

E - É, talvez.

D – Não acredita nisso. Nem seu amigo acreditaria. Ele não matou para te salvar?

E – Ele estava se defendendo.

D – Ele defendeu você. Mas você já sabia. Você vê as coisas. Eu também, sabe o que vejo em você?
[...]

D – Tem um coração violento. Disso eu entendo. Sempre tive um coração violento. Sofri com isso por muito tempo, mas o mundo acabou e enxerguei a verdade.



E – Deus te mostrou.

D – Não. O *Cordyceps*. O *Cordyceps* é do mal? Não. É frutífero, se multiplica. Ele se alimenta e protege os filhos. E garante o futuro deles com violência, se for preciso. Ele ama.

Ser/pertencer ao mal ou ao bem. Multiplicar(-se). Proteger e garantir o futuro. Violência. Quase como se David narrasse os desejos de *Codyceps*. Mas, para que tais desejos sejam vitais e pulsantes ao fungo, mostram-se mortais aos corpos humanos por ele habitados (ou invadidos?). E o que diferenciaria essa situação das intervenções violentas e predatórias que as ações *humanizadeiras* têm provocado no planeta e em nós mesmos?

Assim como Boaventura nos permite duvidar radicalmente a linha demarcatória de quem seria o descobridor ou o descoberto e Derrida nos jogar no paradoxo da hospitalidade, Anna Tsing (2015) apresenta que o “excepcionalismo humano nos cega”. Além disso, complementa:

A ideia de natureza humana foi apropriada por ideólogos conservadores e por sociobiólogos que se utilizam de pressupostos da constância e autonomia humanas para endossar as ideologias mais autocráticas e militaristas. [...] A domesticação é geralmente compreendida como o controle humano sobre outras espécies. Que tais relações podem também transformar os humanos é algo frequentemente ignorado. Além disso, tende-se a imaginar a domesticação como uma linha divisória: ou você está do lado humano, ou do lado selvagem. Pelo fato de essa dicotomia se basear num comprometimento ideológico com a supremacia humana, ela apoia as mais incríveis fantasias, por um lado, de controle doméstico e, por outro lado, de autoprodução das espécies selvagens (TSING, 2015, p. 184).

Tiago Cardoso (2019) nos oferece carona pela *Highway* E45 em uma perua Renault e lá vamos nós pela Jutlândia Central até o museu de Boston (episódio 2 de *The last of us*). A que fios e cores e medos e pulsações e corpos e micélios somos arremessados? Como revisitar, com esse trajeto, não sem antes passar pelo sertão baiano, a constatação de Tsing (2015) de que os fungos são indicadores da condição humana (p. 185)? Deixo com o nosso motorista uma possibilidade de continuidade neste perambular:

Confabulações miceliais: cogumelos são particularmente úteis como uma metáfora aqui, as acrobacias micorrízicas escondidas que tornam possível o



fruto da mercantilização exemplificam o salvamento, onde o esforço de todos os personagens é para ditar os ritmos do salvamento (*salvage rhythms*), entrelaçando-se ao incontrolável modo de vida do cogumelo – indeterminação, coordenação, precariedade e contingência, o sonho modernista da mecanização, da quantificação e do progresso não são suficientes nessa história (CARDOSO, 2019, p. 34).

Com fabulações rítmicas espreitemos.

Emaranhados...

Conheça o maior ser vivo do planeta

Nic Fleming, da BBC Future
3 dezembro 2015

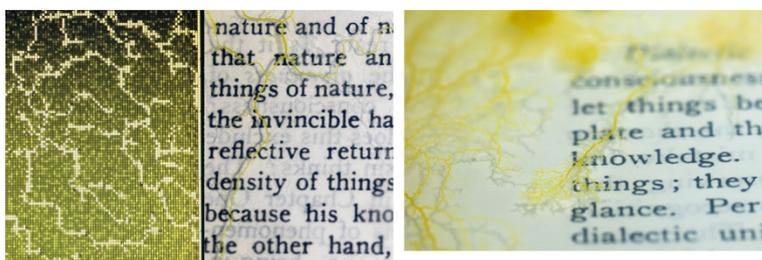


O chef italiano Antonio Carluccio diz que é delicioso com espaguete e pimenta vermelha. Mas, para os jardineiros, ele é uma ameaça a cercas vivas, rosas e outras flores.

O fungo parasita - e aparentemente saboroso - não ficou famoso apenas por dividir opiniões. Ele também é considerado por muitos o maior organismo vivo da Terra. Trata-se mais precisamente de um tipo específico do fungo *Armillaria* que fica em Blue Mountains, no Estado americano do Oregon, que mede 3,8 km de comprimento e é considerado o maior ser vivo da Terra.

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151202_vert_earth_fungo_lab

<https://www.fossora.com/>



Nesta rede "biohíbrida" (digital e biológica), livros físicos que documentam o desejo humano de controlar e remodelar a natureza servem de alimento para uma colônia de fungos vivos. Ao lado do livro com os microorganismos, há um monitor de computador onde se vê a ação de um fungo digital inteligente, que procura na internet e corrumpo textos com o mesmo intuito predatório encontrado no livro.

<http://2019.programaciencia.org.br/exposicao-culturas-degenerativas/>





Descubra qual infectado de *The Last of Us 2* você seria por *The Last of Us Brasil*, em 30/09/2020

Baseado em suas respostas [a sete perguntas], descubra qual estágio mais se aproxima da sua personalidade. *Impossível resistir. Fui fazer o teste e olhem o que me espera em *The last of us*...*



O Rei dos Ratos é um estágio único de infectado que se desenvolveu no hospital de Seattle após mais de vinte anos de infecção. Formado a partir de vários Infectados combinados em um, o Rat King é colossal em força e tamanho, e capaz de receber grandes danos de fogo, bombas e armas. Mesmo depois de sofrer muito dano, ele não morre, mas ao invés disso, suas várias partes infectadas começarão a se separar da massa maior e atacar junto com ela.

<https://thelastofus.com.br/quiz/ descubra-qual-infectado-de-the-last-of-us-2-voce-seria/>

Contaminação não é contar quantas minas há no lugar, mas partilhar dos espíritos que as minas d'água proliferam...

Para os povos de tradições ocidentais provenientes de culturas da escrita (e do diálogo ininterrupto), talvez seja este o maior ensinamento dos saberes ancestrais que os povos de tradições orais trazem em suas culturas: silenciar para poder ouvir o entorno; ouvir a gritaria do mundo que povoa qualquer silêncio; gritos de todas as ancestralidades fossilizadas pela própria cultura ocidental, inclusive a dos povos brancos europeus.

Wenceslao de Oliveira Júnior, 2019, p. 24

Micélios que se movimentam ora pelas papilas gustativas, já que temos a afirmação do chef italiano de que o *Armillaria* é delicioso em um espaguete com pimentas vermelhas ora pelo fantástico site do álbum *Fossora* [8], da artista finlandesa Björk, onde nos inunda orelhas e olhos e retinas e memórias quase táteis. Livros fungados ou fungos (des)critores? Ex-critores? Cesar & Lois [9] na performance *Culturas degenerativas* [10] possibilitam outras hospedarias para os micélios enquanto no jogo sobre o jogo, eu me expando no Rei dos Ratos. Seriam micélios em forma de mouse para o computador da performance? Ou quase um Remy (o personagem ratinho, de *Ratatouille*) [11] que invade uma cozinha para deleite de papilas gustativas?



Movimentações incontrolláveis, pulsações vitais. “O livro *The Mushroom at the end of the World* [Anna Tsing] será então um guia, um relato de manchas experimentais que nos faz ver melhor, ou ver de outro jeito, a arte de viver com e de perceber mundos em ebulição num capitalismo incompleto: a arte de perceber (*art of noticing*)” (Cardoso, 2019, p. 27). Uma percepção silenciosa a gritar, erodir, contaminar, fraturar nossas mini certezas, já que vivemos contando dinheiro e não mudamos quando é lua cheia, né Cazuza?[12]

Quero propor que a educação científica, incluindo a escolar, atenda ao chamado da lua cheia e se transforme, permitindo-se (e a nós, partícipes dessas educações) que pulsemos e desalojemo-nos dos corpos-casas-*humanidades*. Ebulições de mundos que não tenham nenhuma necessidade em seguir uma moralidade humana de ‘equilíbrio’ e ‘satisfação’ para o humano em seu habitat citadino, na enorme maioria das vezes é o que vivencio nos momentos em que trabalho com ensino, pesquisa e extensão no ensino/aprendizagem em ciências e biologia.

Não pretendo me referir às questões metodológicas nem tão pouco aos intrincados e complexos processos envolvendo toda a dinâmica escolar e de formação de professores. Meu desejo, já convidando Suely Rolnik para essa andança, é fraturar, desafixar o *ethos* colonialista, autocrático e violento que percorre as narrativas dos conceitos das ciências biológicas quando aportam junto aos (des)encontros em salas de aula. Permitir uma contaminação fúngica, em que os micélios se estendam e emaranhem e co-fundem (e, porque confundirem também?) os limites dessa casa-corpo-prisão.

Formas e forças como dimensões da complexa experiência que Rolnik denomina de “subjetividade”, assim mesmo, com as aspas (2018, p. 50), onde cada uma delas exige capacidades distintas para que identifiquemos os respectivos sinais. “Os sinais das formas de um mundo são captados pela via da percepção (a experiência sensível) e do sentimento (a experiência da emoção psicológica)” (ROLNIK, 2018, p. 51) enquanto os das forças provocam efeitos em nossos corpos. “Tais efeitos decorrem dos encontros que fazemos – com gente, coisas, paisagens, ideias, obras de arte, situações políticas ou outras etc.” (p. 53), presencialmente, à distância através dos aparatos tecnológicos ou quaisquer outros meios, continua a autora, introduzindo-nos a outras maneiras de ver e de sentir, criação de modos de existência.



Ver e sentir a despeito e com aquela (essa?) *humanidade*. Esparramar-se sem a intenção da ampliação nem da redução, já que o quantitativo comparativo perde totalmente a função. Como expandir tais reverberações através dos sentidos, conceitos, relações, esquemas, funções tão marcadamente orientadores dos processos de ensino/aprendizagem em ciências e biológicas descartando a obrigatoriedade desta orientação desembocar, sempre, na colonização da vida pelo humano?

O que caracteriza micropoliticamente o regime colonial-capitalístico é a cafetinagem da vida enquanto força de criação, transmutação e variação – sua essência e também condição para sua persistência, na qual reside seu fim maior, ou seja, seu destino ético. Esse estupro profanador da vida é a medula do regime na esfera micropolítica, a ponto de podermos designá-lo por ‘colonial-cafetinístico’ (ROLNIK, 2018, p. 104).

As articulações e proposições de Rolnik provocam-nos feito uma capilaridade, violando as percepções gravitacionais. Partindo e chegando pela trama tecida pela autora, que Paul Preciado, no prólogo, diz poder “[...]funcionar como um guia de resistência micropolítica em tempos de contrarrevolução” (p. 12), o que nos impede de fabular uma vida não cafetinada à *Bio* ao mesmo tempo que nos insurgimos contra o regime colonial-cafetinístico do *logos* na e com a Bio-logia? Ouçamos novamente os micélios em *The last of us*, episódio dois [13], um diálogo entre as personagens Professora Dra. Ibu Ratna (Christine Hakim) e o oficial do exército indonésio Agus Hidayat (Yayu A. W. Unru) logo após a professora de micologia da Universidade da Indonésia ter analisado uma lâmina com amostra microscópica (e afirmar “O *Cordyceps* não sobrevive em humanos”) além de um cadáver infectado.

I – Quando isso aconteceu?

A – Há cerca de 30 horas

I – Onde?

A – Numa fábrica de farinha e grãos daqui.

I – Um substrato perfeito [...].

[...]



I – E depois? O que houve com quem foi mordido?

A – Ficaram em observação. Algumas horas depois por padrão, tornou-se necessário executar todos eles.

[...]

A – Ibu Ratna, nós a trouxemos para nos ajudar a impedir a propagação. Precisamos de vacina ou um remédio.

I – Passei a vida estudando essas coisas. Então me ouça com atenção. Não existe remédio. Não existe vacina.

A – Então o que fazemos?

I – Bomba. Comece a bombardear. Bombardeie essa cidade e todos que estão nela.

Micologia, vacina, remédio, bomba. Que linearidade de pensamento seria essa? Total controle sobre as interações das vidas? Prefiro pensar mais com a frase em inglês: “*Cordyceps* cannot survive in humans”. Não podiam e, agora, na série, podem e devem assim continuar se multiplicando. Que(m) controla o que(m)? Como desassossegar as movimentações por entre os (des)encontros em aulas **com** os conceitos de ciências e biologia (e não sobre) assim como **com** as pulsações vitais embrenhadas e que emanam e desaparecem constante e subitamente, não apenas considerando os humanos envolvidos e assim caracterizados pelas próprias descobertas e hospedarias?

Da perspectiva ética do exercício do pensamento a qual rege as ações do desejo no polo ativo [14], pensar consiste em “escutar” os afetos, efeitos que as forças da atmosfera ambiente produzem no corpo, as turbulências que nele provocam e a pulsação de mundos larvares que, gerados nessa fecundação, anunciam-se ao saber-do-vivo; “implicar-se” no movimento de desterritorialização que tais gérmenes de mundo disparam; e, guiados por essa escuta e implicação, “criar” uma expressão para aquilo que pede passagem, de modo que ganhe um corpo concreto (ROLNIK, grifo da autora, 2018, p. 91).

Deseducar *logos*, *bios*



Ca-fungando. Hoje, através de uma postagem nas redes sociais, os micélios vieram fungar no meu pescoço, como minhas avós costumavam dizer no interior de São Paulo. Para mim, quando criança, sentia um certo desconforto de ter alguém tão próximo, sensação que foi sendo abandonada com o passar dos anos... A notícia ‘fúngica’ é que Cecil Terence Ingold foi um importante micologista! Tantos estudiosos de fungos e por que esse foi explicitado nesse texto? Porque é pai de Tim Ingold, que há um tempo vem me esparramando por chãos e escritas, possibilitando, assim, que os micélios irrompessem por aqui.

Vem cá, fungar. Deseducar encantando. Esse ensaio pretendeu propagar-se como os esporos, ramificar-se como as hifas, emaranhar-se nas provocações a alguns aspectos das educações em ciências.

Casa-corpo-prisão não somente no que se refere ao orgânico e inorgânico corpóreo, mas uma expansão em formas e forças, proporcionando movimentos da criação **em** nós, entendendo a potência de criação **de** nós (Rolnik, 2018, p. 37). Tantos fungos, artistas, pesquisadores, jogos, série de TV que por aqui atravessaram em uma tentativa de mobilizar frestas festivas (ou festas que arrombem as frestas) nessa divindade colonialista encarnada em nós, em nossos pensamentos, desejos, imaginações, possibilidades de experimentar uma vida.

As andanças que aqui experimentei pretendem provocar mais engasgos que deglutições, mais aporias que discursos, mais Rei dos Ratos (meu personagem/eu) do que rei das selvas, mais perambulações sensíveis que conceitos meticulosamente definidos e justificados de acordo estrita e unicamente ao pensamento colonial capitalista.

Minha primeira prova de perda da linguagem foi com a palavra *Puhpowee* na minha língua. Eu topei com um livro da etnobotânica anishinaabe Keewaydinoquay, em um tratado sobre usos tradicionais de fungos por nosso povo. [Puhpowee] traduz ‘a força que faz com que os cogumelos se levantem da terra durante a noite’. Como uma bióloga, eu fiquei perplexa que esta palavra existisse. Em todo seu vocabulário técnico, a ciência ocidental não tem este termo, não tem nenhuma palavra para se referir a este mistério (KIMMERER, 2013, p. 49).



Então, quando alguém diz “eu sou terra”, “eu sou água”, essa pessoa não está pirando. “Eu sou água, eu sou terra, ar”, é verdade, é uma declaração do que a gente é. Se pegar essas coisinhas assim, cortar, botar ali e analisar, é isso mesmo. Eu não acreditaria se alguém chegasse pra mim e falasse assim “eu sou Marte, eu sou Júpiter”, porque aí eu ia achar que ele tava brincando de ser aqueles. Power Rangers! Aqueles. “Fogo!”, “Água!”, “Pedra!” e tal, e nós somos essa experiência maravilhosa de verbalizar a vida na terra. Nós verbalizamos a vida na Terra! Como uma lagarta, como uma borboleta. Como uma formiga, como um desses que você abre a palmeira e puxa e tem um monte de corozinhos dentro, parecendo uns vermezinhas. Somos nós. Nós somos isso. Quando a gente quer se descolar disso tudo e ficar com essa ficção da ciência e da tecnologia, é que nós nos envenenamos (KRENAK, 2020, s/p). [15]

Desinventar linearidades que invocam a suspensão das pulsões vitais. Cavoucar e perfurar os subterrâneos dos conceitos que engessam as vivências e metamorfoseiam o mundo caótico em uma organizada e encadeada arquitetura conceitual. Funguemos tanto no pescoço das mini certezas até que os esporos, os micélios, as estruturas, as linguagens, os corpos, os pensamentos, as hospedarias juntem-se à nós, na Renault perua, e saiamos da Jutlândia Central em direção a “[...] uma política do subsolo, subterrânea, uma política sob a pele, sob a terra, [...] ali onde a planta e o pensamento se conectam através da imagem ou da poção” (PRECIADO, 2018, p. 20).

Bibliografia

BAIO, Cesar; SOLOMON, Lucy H. G. “Culturas degenerativas”: experimentações em torno de uma rede “biohíbrida”. In **Revista Científica/FAP**, v. 19, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/2433>

CARDOSO, Thiago M. A arte de viver no Antropoceno: um olhar etnográfico sobre cogumelos e capitalismo na obra de Anna Tsing. **ClimaCom**, v. 6, n. 14, abril, 2019. Disponível em <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-arte-de-viver-no-antropoceno-um-olhar-etnografico-sobre-cogumelos-e-capitalismo-na-obra-de-anna-tsing1/>

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade**. Tradução Antonio Romane. São Paulo : Escuta, 2003.

KIMMERER, Robin Wall. **Braiding Sweetgrass: Indigenous Wisdom, Scientific Knowledge, and the Teachings of Plants**. Milkweed Editions, 2013.



OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao M. Apresentação. In OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao M.; WUNDER, Alik (Orgs.). **Casa dos saberes ancestrais: diálogos com sabedorias indígenas**. Campinas, SP BCCL/Unicamp, 2020. Recurso digital.

PRECIADO, Paul. Prefácio. In ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo : n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo : n-1 edições, 2018.

SANTOS, Boaventura de S. O fim das descobertas imperiais. In OLIVEIRA, Inês B.; SGARB, Paulo (Orgs.) **Redes Culturais, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. Tradução: Pedro Castelo Branco Silveira. **Ilha**, v. 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p117>

Recebido em: 25/04/2023

Aceito em: 15/05/2023

[1] Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFs, Bahia. Email: elenise@uefs.br.

[2] Série estadunidense apresentada e produzida pela HBO com estreia no Brasil em janeiro de 2023. O roteiro de Craig Mazin e Neil Druckmann foi baseado no videogame homônimo, projetado por Jacob Minkoff, lançado pela Sony Interactive Entertainment em 2013.

[3] “[...] matriciais porque acompanharam todo o milênio, ou boa parte dele, tanto que, ao final, apesar de alguns questionamentos, permanecem intactas em sua capacidade para alimentar o modo como o Ocidente se vê a si próprio e tudo o que não identifica consigo” (SANTOS, 2002, p. 35).

[4] *Invasion of the Body Snatchers*. Dirigido por Philip Kaufman e lançado no Brasil em 1979.

[5] *Alien*. Dirigido por Ridley Scott e lançado no Brasil em 1979.

[6] *Spider Men 3*. Dirigido por Sam Raimi e lançado no Brasil em 2007.

[7] Episódio intitulado “Quando mais precisamos”. Esse diálogo ocorre a partir de 37’05” do início do episódio.



[8] “Um regresso à terra e ao húmus, utilizando como símbolo e mote o que se esconde por baixo do solo: cogumelos. John Cage adorava esses fungos, mas é a cantora pop que agora os torna... experimentais.” Fonte: <https://www.rimasebatidas.pt/bjork-fossora-ou-a-celebracao-da-vida-face-a-morte/>

[9] Cesar & Lois consiste no artista de mídia brasileiro Cesar Baio e na artista de mídia com sede na Califórnia Lucy HG Solomon, muitas vezes conversando e colaborando com outros artistas, cientistas e pesquisadores. Fonte: <http://2019.programacomciencia.org.br/exposicao-culturas-degenerativas/>. Maiores informações sobre a obra em Baio; Solomon (2018).

[10] “**Culturas degenerativas** [título da instalação] também procura corromper o sistema tecnológico com o crescimento do fungo, digital, programado ou natural, como ocorre com o livro na redoma. Cesar [Baio] e a artista parceira [Lucy Solomon] contaram com uma equipe interdisciplinar para a pesquisa e montagem da instalação. Os artistas trabalharam junto com um biólogo na escolha e no manejo do fungo *Physarum polycephalum*, conhecido como *slime mold*. “Esse organismo tem sido considerado ‘inteligente’ porque consegue criar ligações entre diferentes fontes de comida de uma maneira muito estratégica”, destaca Cesar.” Fonte: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/01/04/obra-de-arte-digital-reune-fungos-rede-social-e-inteligencia-artificial>

[11] Animação da Disney lançada em 2007 e dirigida por Brad Bird.

[12] Parodiando os versos de *Blues da Piedade* de autoria de Cazuza e Frejat, lançada no álbum “Ideologia”, do Barão Vermelho em 1988 pela Philips Gravadora.

[13] Episódio intitulado “Infectados”. Esse diálogo ocorre a partir de 5’39” do início do episódio.

[14] O pensamento, na perspectiva do polo reativo, consiste em ignorar os afetos; refletir/propagar “[...] uma suposta verdade que estaria oculta na escuridão da ignorância”. (ROLNIK, 2018, p. 92).

[15] Trecho da fala de Ailton Krenak durante o evento ocorrido no *intensivo SIM 2020* (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4NLcCm9bGrs&t=129s>). A reportagem sobre essa conversa está disponível em: <https://olugar.org/ailton-krenak-sobre-como-adiar-o-fim-do-mundo/>.